

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA

SISTEMÁTICA DE ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDOS EM AMBIENTES VIRTUAIS

Rio de Janeiro
2017

FABRICIO MAGNO DA SILVA

SISTEMÁTICA DE ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDOS EM AMBIENTES VIRTUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Dr. Claudio Jose Silva Ribeiro

Rio de Janeiro

2017

S586 Silva, Fabrício Magno
Sistemática de organização de conteúdos em ambientes virtuais / Fabricio
Magno da Silva. -- Rio de Janeiro, 2017.
63 p.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Biblioteconomia, 2017.

1. Organização da Informação. 2. Taxonomia. 3. Sistemas.
4. Ambientes Virtuais. I. Ribeiro, Claudio Jose Silva, orient. II. Título.

CDD 025.32

FABRICIO MAGNO DA SILVA

SISTEMÁTICA DE ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDOS EM AMBIENTES VIRTUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Claudio Jose Silva Ribeiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Eduardo da Silva Alentejo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof^ª. Dr^ª. Jaqueline Santos Barradas
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

A todos que acreditaram e contribuíram direta e indiretamente para a produção e realização deste trabalho, registro aqui minha gratidão, principalmente às pessoas que tiveram sensibilidade e paciência para lidar comigo e minhas complexidades.

AGRADECIMENTOS

Memento mori. Até mesmo a maior das conquistas se torna ínfima se não houver com quem dividir. Gostaria de agradecer pessoalmente a cada pessoa que me ajudou neste percurso tão difícil e conturbado. Na certeza de que mesmo listando nome por nome, um a um, pessoa por pessoa, ainda sim esqueceria de muitos nomes, prefiro não fazê-lo e apenas manter a íntima certeza de que essas palavras alcançarão e farão morada nos corações de cada rosto que me vem à mente. Outrora, certamente terei a honra de agradecer pessoalmente.

Contrastando com toda a seriedade, agradeço ao trio Lucy, Natsu e Happy por estarem sempre presentes e com mensagens cifradas que floresciam no momento certo, tornando-se a força necessária a cada momento de tribulação.

Gratidão: aos professores, amigos, colegas e conhecidos. Gratidão aos meus pais. Gratidão aos funcionários que atuam na manutenção da instituição e raramente são lembrados com o devido respeito.

Como não dedicar um parágrafo inteiro à minha musa inspiradora, amiga, parceira, confidente, amada e, antes de tudo, progenitora? Sou grato por tudo que fez e faz por mim. Por ensinar-me ao teu modo como é a vida e os caminhos que deveria trilhar. Carrego sempre a máxima de que devemos saber chegar e sair, sempre deixando uma porta aberta e bons sorrisos naqueles que nos cercam. Te agradeço por tudo que foi, é e sempre será. Te admiro por cada batalha travada, cada derrota e conquista, cada fracasso e sucesso.

A todos com quem convivi, seja por apenas um dia, um período, pelos últimos anos ou mesmo minha vida inteira. Não tenho dúvidas de que uma parte minha seguirá com vocês, assim como uma parte de vocês seguirá comigo, afinal, pessoas boas deixam marcas indeléveis. Hora de encerrar uma obra e iniciar uma nova fase. Uma nova história se inicia, com muitas aventuras e desafios. Levo comigo um amor secreto, velado e oculto que se encerra na ponta dos lábios. Um sentimento que nasceu na UNIRIO...

Meus agradecimentos!

"O virtual não se opõe ao real"

LÉVY, Pierre

RESUMO

Apresenta um sistema de organização de conteúdos em meios virtuais com base na taxonomia de Dahlberg. Discute os resultados do processo de organização e desenvolvimento de um acervo que foi aprimorado desde 2003 até aqui. Explica que o mesmo é uma sistemática hierárquica de pastas com base num conjunto de orientações, potencialmente aplicável a qualquer diretório de arquivos. Como resultado observado, trata-se de servir de suporte para a organização de conteúdos de modo estruturado. A partir de uma análise do processo de virtualização da realidade, em termos informacionais, e de uma análise dos processos de organização em ambientes, explica a relevância de aplicarem-se processos de gestão informacional. Com base nas classes elencadas a partir da taxonomia, foram geradas categorias e subcategorias, obtendo-se assim um diretório completo. As ilustrações ajudam de forma visual a compreender como funcionam os processos de organização, além de deixar claro o processo lógico adotado. Espera-se que futuramente o aprimoramento desse sistema possa ser proposto e executado pela própria comunidade de usuários em geral.

Palavras-chave: Organização da informação. Taxonomia. Hierarquização. Sistema de Organização de conteúdos.

ABSTRACT

The work presents a system of content organization in virtual environments based on the Dahlberg taxonomy. Discusses the results of the process of organization and development of a collection that has been improved since 2003 until now. Explains that it is a hierarchical system of folders based on a set of guidelines, potentially applicable to any file directory. As an observed result, it is a question of supporting the organization of contents in a structured way. From an analysis of the process of virtualization of reality, in informational terms, and an analysis of the processes of organization in environments, explains the relevance of applying informational management processes. Based on the classes listed from the taxonomy, categories and subcategories were generated, obtaining a complete directory. The illustrations help in a visual way to understand how the processes of organization work, besides making clear the logical process adopted. It is hoped that in the future the improvement of this system can be proposed and executed by the community of users in general.

Keywords: Organization of information. Taxonomy. Hierarchy. Content Organization System.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico – Produção intelectual pós-guerra fria	21
Figura 1 – Árvore de Porfírio	28
Quadro 1 – Resultados de buscas nos portais	34
Figura 2 – Categorias do diretório principal	36, 39
Quadro 2 – Numeração e descrição das categorias	38
Fluxograma 1 – Diretório “01 – Biblioteca”	40
Fluxograma 2 – Diretório “02 – Iconoteca”	41
Fluxograma 3 – Diretório “03 – Audioteca”	42
Fluxograma 4 – Diretório “04 – Videoteca”	43
Fluxograma 5 – Diretório “05 – Tecnoteca”	44
Figura 3 – Fluxograma do curso de Biblioteconomia	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Justificativas	16
1.2	Objetivos	17
2	RELAÇÕES ENTRE BIBLIOTECONOMIA E CI.....	18
3	TAXONOMIA APLICADA AO VIRTUAL	27
4	METODOLOGIA.....	33
5	RESULTADOS	36
5.1	Tipos de objetos digitais e seus locais de armazenamento	38
5.2	Processo de hierarquização.....	39
5.2.1	Recursos textuais – Biblioteca	39
5.2.2	Recursos visuais – Iconoteca.....	41
5.2.3	Recursos Sonoros – Audioteca.....	42
5.2.4	Recursos Audiovisuais – Videoteca	43
5.2.5	Recursos Tecnológicos – Tecnoteca	44
5.2.6	Repositório acadêmico.....	45
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Trazendo para o campo biblioteconômico os conhecimentos adquiridos na área da Ciência da Computação, a presente investigação recorre aos instrumentos interdisciplinares para elaborar uma sistemática de organização de conteúdos em ambientes virtuais, baseada num modelo estrutural de pastas e subpastas que possa hierarquizar o conteúdo (objetos digitais) a fim de facilitar sua recuperação manual. De fato, existem meios automatizados de recuperar tais recursos.

Contudo, através de práticas mais “higiênicas” de tratamento desses arquivos e do uso de taxonomias, o usuário leigo, com pouco ou nenhum conhecimento de organização e tecnologia, poderá maximizar sua produtividade, reduzindo o tempo necessário para se recuperar registros e permitindo, inclusive, que terceiros possam fazê-lo, se necessário.

Evidencia-se neste ponto o diálogo entre o passado biblioteconômico, quando a organização de acervos era feita manualmente, contando apenas com os conhecimentos de profissionais bibliotecários que, trabalhando há séculos com a gestão e manutenção da informação, elaboraram diversos instrumentos e sistemas complexos que viabilizassem a organização do conhecimento gerado pelo homem ao longo de sua existência (LUCAS, 1996), e o presente, onde esses mesmos conhecimentos tornam-se potenciais insumos para o proveito de um grupo mais abrangente, ao invés de mantê-lo limitado num só escopo.

Quando se pensa em organização de conteúdo, não se pode ignorar que mesmo não ocupando um espaço físico, todo material disposto no ciberespaço ocupa um lugar e um tempo. Tudo está situado em algum local e é passível de perder-se, caso não haja nenhum tipo de organização ou processo de preservação da informação. O ciberespaço é comparável à caixa de brinquedos onde são colocadas diversas pequenices. Se não houver arrumação, ordenação e/ou organização, fica difícil encontrar algo.

O ciberespaço favorece as conexões, as coordenações, as sinergias entre as inteligências individuais, e sobretudo se um contexto vivo for melhor compartilhado, se os indivíduos e os grupos puderem se situar mutuamente numa paisagem virtual de interesses e de competências, e se a diversidade dos módulos cognitivos comuns ou mutuamente compatíveis aumentar (LÉVY, 2003, p. 116).

A afirmação de Lévy corrobora essa ideia de que o ciberespaço é um ambiente favorável à disseminação da informação e propício à comunicação, desde que haja reciprocidade nas interações e diálogo, uma vez que sem uma comunicação apropriada, provavelmente não haverá avanços nos processos de desenvolvimento do ciberespaço.

O processo de elaboração do sistema apresentado iniciou-se por volta de 2003, quando o autor começou a organizar seus objetos pessoais digitais em seu computador pessoal. No princípio eram organizadas imagens e áudios. Depois a organização começou a fluir melhor e foram adicionados diretórios para vídeos, textos e aplicações. Somente em 2005 em diante é que os objetos começaram a ganhar diretórios mais específicos, pois não havia até então nenhuma organização além de separar os conteúdos por tipo de recurso (imagem, texto, vídeo, música ou programa).

Nos anos seguintes ocorreram novas revisões, tornando assim o sistema funcional. Somente a partir de 2014 em diante é que houve real avanço, onde o ingresso no curso de biblioteconomia propiciou o uso de técnicas com base nos ensinamentos adquiridos nas disciplinas durante o curso.

Um dos elementos motivadores de maior peso surgiu da posterior reflexão acerca da afirmação de Langridge (1977, p. 11), de que a maioria das pessoas não percebe o quanto classifica e que este é meramente um indício da natureza fundamental do processo de classificação, sendo este processo definido como o ato de “dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhanças. É dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças, em certo número de grupos metodicamente distribuídos”, como afirma Piedade (1983, p. 9).

Durante o curso de biblioteconomia, foi elaborado um diretório contendo os arquivos das disciplinas e o mesmo foi compartilhado com os colegas de classe. Para o desenvolvimento do repositório de arquivos das aulas, considerou a teoria do conceito (DAHLBERG, 1978) e a representação do conhecimento como base, focando especificamente no processo de produção intelectual (ocasional construção de acervo por acumulação), o qual, segundo Ortega (2004), possui dois momentos. Num primeiro momento, foi realizada a elaboração de índices e a normalização dos documentos. No segundo momento, a partir dos documentos então normalizados, ocorreram os processos tradicionais de representação descritiva e temática como a

catalogação, a classificação e a indexação no âmbito dos sistemas de informação (atividades da Biblioteconomia).

Enquanto a representação descritiva foca na descrição formal dos dados, tais como autor, título, editora, ano de publicação, local, etc, a representação temática tem seu foco no conteúdo e requer uma análise mais profunda daquele dado. O cruzamento dessas duas técnicas provavelmente não resultaria em algo que fosse acessível ao usuário inexperiente, o que demandou novos ajustes. Por já existir vasta literatura sobre esses procedimentos e processos, não é objetivo desse estudo analisar o que já está consolidado.

A literatura base utilizada para tratar da taxonomia apoiou-se em Dahlberg (1978), Piedade (1983) e Campos e Gomes (2007), enquanto a visão de Pierre Lévy (1996) e Luiz Fernando Sayão (2007) atuaram em promover o diálogo principal sobre o virtual e suas potencialidades.

Boa parte da literatura utilizada fez parte dos conteúdos abordados durante todo o curso de biblioteconomia e a decisão de buscar material no próprio conteúdo programático do curso foi uma oportunidade de revisitação e revisão da jornada desde o ingresso no curso até sua conclusão.

Observando os avanços tecnológicos, percebe-se hoje o potencial do ciberespaço. Ao submeter a informação em meios virtuais sob o olhar biblioteconômico, surgiu então a visão crítica sobre a necessidade de se manter a ordem e a organização dos conteúdos digitais para que assim fossem asseguradas tanto a preservação da informação, quanto sua recuperação.

Todo conteúdo informacional se mantém num contínuo fluxo de produção e expansão num ritmo irrefreável, porém, apesar dos esforços empreendidos por diversas frentes, ainda existe uma carência notável de iniciativas que popularizem e conscientizem os dois lados desse fluxo.

De um lado os usuários que normalmente não possuem nenhum critério de organização mais profundo além da organização básica e rústica proposta pelos sistemas operacionais correntes, o qual seria o uso de pastas de uso geral “padrão”, geralmente nomeadas Documentos, Imagens, Músicas e Vídeos. Do outro lado temos os produtores de conteúdo que aparentemente não compreendem a importância de se fazer uso da taxonomia e descritores apropriados que possam garantir o fluxo informacional com o menor ruído e maior profundidade.

O trabalho está organizado em referencial teórico, onde será abordada a taxonomia e [...], metodologia, onde constam os passos de desenvolvimento do trabalho, seguidos pelos resultados obtidos. Por fim são feitas as considerações e apresentadas as referências.

1.1 Justificativas

O presente trabalho visa contribuir com a organização virtual de conteúdos através de uma sistemática de organização, utilizando-se da interdisciplinaridade aplicada à Biblioteconomia e Ciência da Informação. Possui o potencial de facilitar a organização de objetos virtuais, independente destes serem concebidos originalmente no virtual ou serem fruto da virtualização de objetos físicos. Apresenta-se como opção ao público inexperiente, sendo ao mesmo tempo flexível o suficiente ao ponto de ser aplicável em ambientes diversos, o que é possível graças ao foco que está no método e não no suporte ao qual será eventualmente aplicado no futuro. Tem-se aqui, implícita, uma proposta de reflexão acerca do hábito dos usuários em acumular conteúdo em dispositivos de armazenamento de modo não organizado, ocasionando assim a eventual duplicidade de conteúdos independentemente do tipo de recurso.

O processo de desenvolvimento do presente sistema começou a ser elaborado sem nenhuma metodologia e para uso pessoal em meados de 2006. Com mais de dez anos de ajustes e aprimoramentos, em 2015 foi iniciada a reestruturação de todo o sistema com base nos conteúdos absorvidos no decorrer das disciplinas de Biblioteconomia, cursadas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Através da observação (2014 a 2017) ao longo da graduação, o autor percebeu a relevância da organização no meio acadêmico, aproveitando as disciplinas do curso de Biblioteconomia como bases para a construção de um repositório de objetos didáticos das próprias disciplinas do curso. Assim, após perceber a demanda dos colegas de curso, iniciou-se a produção do repositório, que foi progressivamente refinado. O *feedback* foi positivo e os usuários passaram a buscar por iniciativa própria os conteúdos das aulas no repositório, não havendo dificuldades em localizar e adquirir cópias dos arquivos. Observando os processos de organização e a virtualização do espaço físico, buscou-se então a elaboração de um conjunto de orientações que capacitasse usuários leigos a gerir manualmente seus arquivos digitais e assim reduzir a quantidade de arquivos perdidos e/ou duplicados num espaço virtual de armazenamento.

1.2 Objetivos

Os objetivos desse estudo estão divididos em geral e específicos, sendo o objetivo geral: analisar o processo de virtualização de objetos como parte de uma sistematização hierárquica de pastas a fim de propor uma metodologia com base num conjunto de orientações da taxonomia que sejam aplicáveis a qualquer diretório de arquivos e sirva de suporte para a organização de conteúdos de modo estruturado. Como objetivos específicos: analisar o processo de virtualização da realidade em termos informacionais; analisar os processos de organização em ambientes virtuais; apresentar os conceitos da taxonomia utilizados no desenvolvimento do processo de construção das categorias.

2 RELAÇÕES ENTRE BIBLIOTECONOMIA E CI

A aproximação da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, segundo Araújo (2011, p. 114), se deu por conta do espaço institucional insuficiente ocupado pela CI ao longo dos anos (até meados de 1974), o que inviabilizou sua consolidação como disciplina científica. A Biblioteconomia a esta altura já estava “consolidada em termos institucionais: contava com centros de formação (universidades), periódicos científicos e associações. [...]” (ARAÚJO, 2011, p. 114).

De fato, a Biblioteconomia poderia estar à frente da CI em diversos aspectos, contudo, parte dessa impressão talvez se deva ao foco distinto das duas áreas. Como dito anteriormente: a CI estava focada em recuperar a informação relevante aos profissionais para que houvesse progresso na produção científica. A maior visibilidade certamente seria da Biblioteconomia, pois os acervos físicos eram a prova de sua existência e consistência. A contribuição da CI era um tanto etérea.

O processo de consolidação da Biblioteconomia começou com a criação da *American Library Association* (ALA), Associação Americana de Bibliotecários, em 1876, ano em que ocorreu também sua primeira conferência, reunindo bibliotecários e bibliógrafos.

Na primeira conferência da American Library Association (ALA), em 1876, bibliotecários e bibliógrafos, confrontados com as dificuldades decorrentes do trabalho bibliográfico, mostraram-se motivados em realizar esforços cooperativos. Teve início, neste período, um movimento geral para a análise de assuntos de artigos de periódicos e a criação de índices coletivos, cuja tarefa foi considerada como atividade de responsabilidade de bibliotecas (ORTEGA, 2004, p. 3).

Se ambas buscavam atender às necessidades imediatas de seus usuários, provavelmente em algum ponto haveriam de correlacionarem-se. Mesmo que fosse em sua finalidade social de atender à demanda dos usuários, havia uma contextualização entre ambas as áreas.

Em seu trabalho sobre as relações institucionais e teóricas entre a Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, Araújo (2011, p. 111) cita que a provável origem da Ciência da Informação se deu diante das dificuldades de profissionais em encontrar informações que suprissem suas demandas e possibilitassem o andamento de seus trabalhos e pesquisas nas instituições e serviços tradicionais, tais como as bibliotecas, arquivos e museus.

Após algum tempo “estes cientistas passaram a se autodenominar ‘cientistas da informação’, sendo que quem primeiro descreveu dessa forma seu trabalho foi Chris Hanson, da *The Association for Special Libraries and Information Bureau* (ASLIB), em 1956” (FEATHER; STURGES, 2003, apud ARAÚJO, 2011, p. 111).

Dentre as distinções – que podem ser consideradas complementares – entre a Ciência da Informação e da Biblioteconomia, está o foco informacional: os profissionais de Ciência da Informação estavam focados em garantir o acesso à informação independente do tipo de recurso ou meio, enquanto o profissional de Biblioteconomia empenhava-se também em garantir seu armazenamento, organização, preservação e recuperação da informação.

Os “cientistas da informação” definiram que trabalhavam com todos os tipos de serviços e sistemas de informação, pois estavam mais preocupados em satisfazer as necessidades de informação dos demais cientistas do que em conduzir algum tipo de instituição (uma biblioteca, por exemplo) ou guardar, preservar ou organizar documentos. Essa primeira caracterização terá, alguns anos depois, forte impacto na própria definição de CI (ARAÚJO, 2011, p. 111).

De fato, esse impacto se deu e culminou numa pseudo-dicotomia entre a Biblioteconomia e a CI, por conta do receio que os bibliotecários tinham de que a CI viesse a “usurpar” o papel dos bibliotecários. Fato que até os dias atuais não se concretizou e muito provavelmente não acontecerá.

Pesquisadores e profissionais da Ciência da Informação eram percebidos por muitos bibliotecários como uma espécie de ameaça até o final dos anos 70, quando o debate sobre Ciência da Informação versus Biblioteconomia dispersou em segmentos diferentes aquilo que era uma ênfase construtiva sobre teoria, modelos e serviços (ORTEGA, 2004, p. 7).

Ao invés de refutar a (in)validade de uma ou outra (Biblioteconomia e Ciência da Informação), o foco deveria estar em usufruir de ambas e apreciá-las como ferramentas do conhecimento que viabilizassem os processos de organização, gestão e conservação do conhecimento e da informação.

Shera e Egan (1961) citam que a Documentação e a Biblioteconomia evoluíram como artes práticas com o fim de atenderem necessidades imediatas. Tanto as bibliotecas quanto os centros de documentação trabalharam de forma isolada, decorrente de um período caracterizado por poucas bibliotecas, acervo reduzido e clientela homogênea e erudita que pouco se relacionava entre si (ORTEGA, 2004, p. 7).

Os centros de documentação e as bibliotecas, de certa forma, existem para suprir justamente as necessidades da CI, seja direta ou indiretamente. Enquanto a Documentação e a Biblioteconomia encarregam-se de organizar, gerir, conservar e garantir acesso à informação e ao conhecimento, a CI por sua vez está focada em acessar essas fontes do saber e processá-las como insumos para seus pares.

Entende-se que o armazenamento, a preservação e a organização são atribuições da Biblioteconomia, enquanto a Ciência da Informação está focada, assim como a Biblioteconomia, na recuperação, porém, deixando de lado as demais etapas.

Qualquer suporte tecnológico com capacidade de armazenamento de dados necessita de algum critério de organização, sendo questão de tempo até que o mais organizado dos sistemas venha a se tornar um verdadeiro caos devido ao tempo de uso com pouca ou nenhuma manutenção e/ou a falta de critério específico no processo de gestão. Ferreira Junior (2006, p. 15) aponta que Paul Otlet, indiretamente, sonhou e premeditou a internet como um centro de acúmulo e concentração de todo o saber mundial, Peter Burke (2002, p. 175), por sua vez, enxergou os possíveis problemas causados pela explosão informacional.

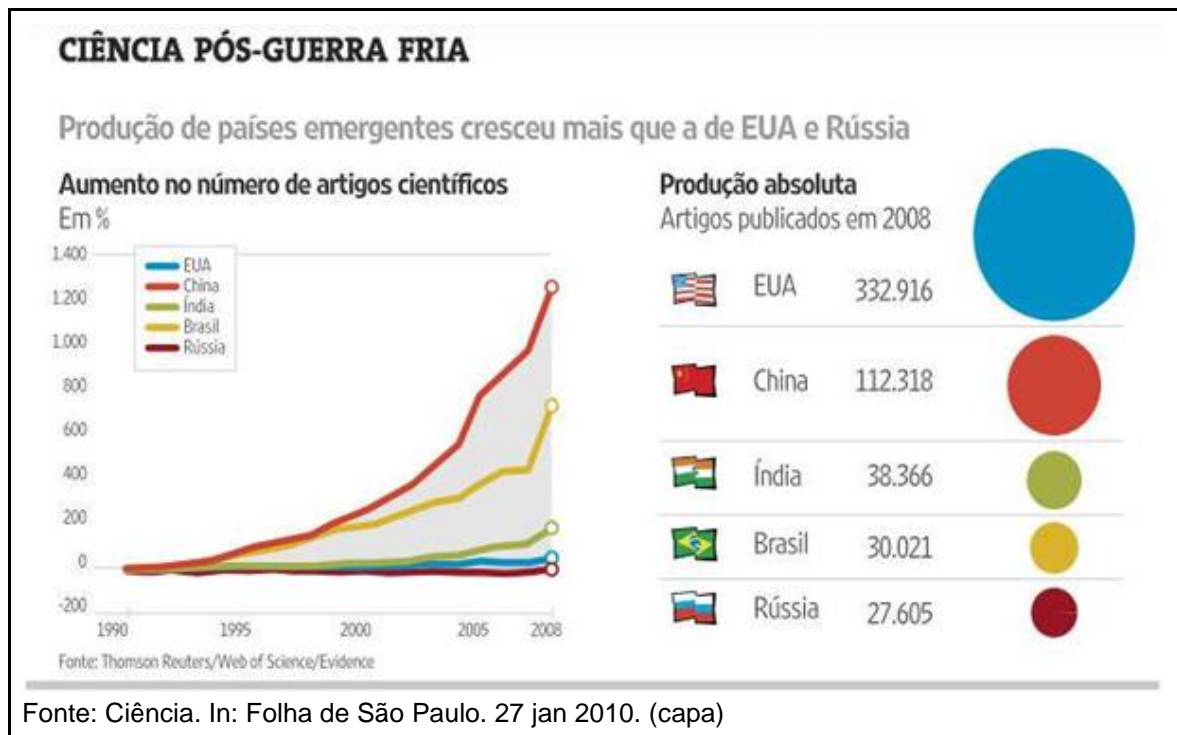
Com o crescimento vertiginoso da produção de conhecimento, seria natural que o espaço físico necessário à conservação e preservação de conteúdo tivesse de ser ampliado, o que nem sempre era possível e/ou viável.

Ciberespaço expandiu o alcance das publicações científicas e permitiu que a produção intelectual pudesse ser dinamizada e sua circulação acelerada de tal forma que hoje essa produção vem crescendo cada vez mais.

Hoje existem diversos repositórios de artigos, obras, monografias, dissertações, teses e periódicos que possuem seu acervo parcial ou totalmente digitalizado e acessível via web. A digitalização de materiais facilita o acesso à informação e viabiliza que as produções, trabalhos e pesquisas circulem e alcancem locais com menores condições de acessibilidade, seja por conta da falta de capital ou falta de investimento em repositórios de qualidade que supram tais demandas informacionais.

No gráfico a seguir pode-se ter um *insight de* como a produção intelectual dos países emergentes, dentre eles o Brasil, vem crescendo nas últimas três décadas e da quantidade de artigos científicos publicados por estes países.

Gráfico - Produção intelectual pós-guerra fria



O aumento dessa produção continua crescendo dia após dia e hoje não existe mais a necessidade de se conceber um trabalho em formato físico, o que torna o processo ainda mais simples. Se no passado a multiplicação dos códigos criou rapidamente um problema para os bibliotecários, que não só absorveram as questões emergentes à época, como também tornaram-se ainda mais indispensáveis (BURKE, 2002, p. 175), hoje o quadro é outro, onde cada solução cria um novo problema, que por sua vez gera uma nova solução. Esse processo de retroalimentação fomenta avanços significativos para todas as áreas de atuação do bibliotecário.

Não se pode negar também que foram esses problemas junto à produção massiva que deram origem às listas de obras das bibliotecas, aos catálogos, resenhas, novos vocabulários, repositórios, bibliografias, reformulação da apresentação dos textos com a divisão em capítulos, acréscimos de índices e sumários, notas marginais e assim por diante (BURKE, 2002, p. 176-180).

Há de se refletir, então, que o espaço virtual mostra-se como uma alternativa ao espaço físico, não de forma excludente, pelo contrário, uma opção somatória com potencial a garantir a viabilidade e usabilidade da informação em momentos futuros.

Pierre Lévy (2003, p. 16) acredita que o virtual:

[...] não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização.

Corroborando essa visão, Sayão (2007, p. 183) analisa que para ressaltar os benefícios de se investir em tecnologia digital e lança um olhar crítico para a virtualização como fenômeno sócio contemporâneo:

O dilema que se instala é que a tecnologia digital coloca a humanidade sob o risco de uma amnésia digital, que já está em curso, ao mesmo tempo em que abre oportunidades extraordinárias em todos os campos - da ciência à arte, do trabalho ao lazer. A urgência da sociedade contemporânea em transformar tudo - textos, imagens, vídeos, música, tudo - para formatos digitais é justificada pela enorme economia de espaço físico de armazenamento e, sobretudo, pelos extraordinários ganhos de produtividade e eficiência proporcionados pela otimização dos fluxos de trabalho e a facilidade de manipulação. Isto sem falar nas facilidades de acesso aos estoques informacionais, públicos e privados que, por si só, são um fenômeno novo e sem precedentes, como também é a sua outra face: a facilidade de produção, edição, publicação, integração e distribuição de informação em formatos digitais pelos meandros das redes de computadores mundiais. Dentro desse contexto de incertezas, talvez não haja desafio maior para os bibliotecários, arquivistas e demais profissionais de informação e conhecimento, neste começo de século, do que garantir meios de acesso à informação digital às futuras gerações, para que elas não sejam ameaçadas ou sofram os efeitos de algo catastrófico, como uma era do esquecimento. A questão essencial que se coloca para a sociedade da informação pode muito bem ser como salvar a nossa memória digital (LUKESH, 1999, apud SAYÃO, 2007, p. 183).

Assim como a expressão *Out of sight, out of mind*, que em tradução quer dizer “fora da vista, fora da mente”, ou, na adaptação brasileira, “quem não é visto, não é lembrado.”, o código exposto em prateleiras de estantes existe, é visto e é lembrado, pois está ali, concebido, tangível, enquanto o formato digital é uma potencialidade. Um arquivo cheio de códigos binários que virá a ser quando for requisitado e se somente se seus requisitos de execução forem alcançados.

Como analisa Sayão (2007, p. 183) ao citar Webb (2003) e Lukesh (1999), boa parte da produção informacional atual já nasce digital e as que não o fazem, logo são convertidas de seus suportes físicos para a forma digital. Há, porém, um foco

desproporcional, onde de um lado busca-se a concepção de informação digital e a digitalização de conteúdos físicos, enquanto do outro lado não se pensa no quesito acessibilidade e recuperação informacional. Não existem estratégias que viabilizem o acesso a longo prazo às informações digitais em geral, principalmente as de valor contínuo.

Ao contrário do senso comum, a tecnologia digital é tão difícil – senão ainda mais – de se preservar do que a impressão à tinta, laser e tecnologias afins, pois é um suporte frágil (SAYÃO, 2007, p. 183). O código impresso é algo concreto e que existe, isto se opõe ao virtual que na verdade é um arquivo com dados que virão a ser algo. Se numa estante o usuário possui uma obra, no computador ele terá um arquivo que contém códigos a serem transformados em informação se, e somente se, houver uma aplicação capaz de interpretar esses códigos e convertê-los no conteúdo similar à obra impressa.

Mesmo com todos esses fatores, o virtual não deve ser visto ou encarado como uma face antagônica ao físico. Eles não são verdadeiramente opostos, mas complementares, como nos mostra Lévy (2003, p. 17-18) no exemplo onde expõe-se a situação de virtualização de uma empresa. Segundo o autor, na organização clássica reúnem-se os colaboradores num mesmo espaço de produção (as dependências da empresa), seja este um único espaço ou vários departamentos, cada funcionário possui uma relação intrínseca com seus colegas e seu(s) superior(es) e seus horários são controlados via folha de ponto. A empresa virtual por sua vez não possui localização “física” no virtual, não ocupa espaço físico, não requer que seus funcionários necessariamente conheçam-se uns aos outros, pode ter horários flexíveis e atender às pessoas de todo o país, até mesmo gente de fora. Seu potencial é muito maior. Assim, a virtualização pode ser comparada à uma “elevação à potência” (LÉVY, 2003, p. 18).

O virtual não se opõe em nada ao real/físico, é justamente o oposto: são complementares um do outro. O virtual não é algo imaginário. “Ele produz efeitos. Embora não se saiba onde, a conversação telefônica tem ‘lugar’”. (LÉVY, 2003, p. 21) Ele é tangível e palpável. Um bom exemplo dessa plasticidade são os sites de compras online. Neles são escolhidos produtos com base em suas imagens e suas descrições físicas. Uma vez que se compre o produto e preencha os campos necessários, o produto é enviado até o cliente ou disponibilizado para retirada no

local. Até o cartão de crédito usado nas máquinas apropriadas podem ser utilizados também no virtual, validando assim a relação intrínseca entre o “real” e o virtual.

Não é preciso muito esforço para compreender que semanticamente o computador (especificamente o disco rígido) é uma nova forma de biblioteca. Zaher (1971, p. 51) define biblioteca como a junção dos termos “biblio” (livro) e “theke” (caixa). Tais termos “mostram bem o espírito da biblioteca de então, como depositária de livros para sua utilização ou preservação futura.” (ZAHER, 1971, p. 51). Assim também o é com o computador. Nele são depositados e a ele confiada a conservação de documentos, tais como fotos, imagens, vídeos, textos, áudios e dados em geral. Se há espaço para o bibliotecário na biblioteca, também existe espaço e demanda para este profissional no ambiente virtual. A rivalidade entre bibliotecários conservadores e entusiastas da tecnologia não passa de mero ruído, pois como afirma Zaher (1971, p. 61):

Há, portanto, uma tendência, que se está generalizando, de relacionar a ciência da informação à biblioteconomia, esta como uma das aplicações daquela, pois, como bem salienta Shera, “a ciência da informação não é oposta à biblioteconomia; elas são, pelo contrário, aliadas naturais, e bibliotecários não devem rejeitar esse novo parente intelectual, nem deve o cientista da informação desacreditar o bibliotecário... No momento, o cientista da informação e o bibliotecário falam línguas diferentes – novos conceitos requerem nova terminologia – mas, no futuro, um consenso e compreensão comuns serão obtidos.”

Esse consenso não deve tardar – nem pode. Ambas as áreas são importantes e dividir as atribuições é, de fato, uma atitude onde ambas as áreas acabam beneficiando-se mutuamente. Pouco ou de nada adianta focar apenas na recuperação se o material em si não for organizado para que futuramente outros usuários possam recorrer e/ou recuperar as mesmas fontes.

A exemplo, numa busca rápida por alguns documentos de texto (universitários) salvos em diferentes momentos da graduação, foram recuperados alguns arquivos na pasta Downloads e parte do mesmo conteúdo numa outra pasta, nomeada TCC. Ao buscar em arquivos não (re)nomeados, foram encontrados ainda mais três textos iguais, o que configurou não uma duplicidade, mas uma triplicidade de conteúdo. Ao baixar esses arquivos num primeiro momento, eles foram copiados para a pasta correta e renomeados, sem excluir o original na pasta Download. Num outro momento, não lembrando ao certo se já possuía todas as fontes bibliográficas,

foram baixados novamente, seu conteúdo conferido e então o material foi deixado de lado.

Processo similar se deu com faixas de áudio, vídeos e até com aplicações. Isso evidencia que o problema no mundo virtual não é somente a produção excessiva de conteúdo. O mesmo arquivo pode ser encontrado e baixado de pelo menos quatro fontes. Se for um arquivo de áudio, em específico a música de um artista, pode ser encontrado em aproximadamente dez fontes e se for alguém famoso e/ou consagrado como Michael Jackson por exemplo, esse número se torna imensurável. Há ainda a possibilidade de duplicar esse potencial se ampliar-se o alcance aos *Torrents* - redes de compartilhamento de arquivos ponto a ponto, ou seja, cliente-cliente.

Atualmente existem aplicações que se propõem a analisar e elencar listas de arquivos duplicados e essa análise pode ocorrer em multiníveis começando por nomes ou tamanho do arquivo e seguindo por análise de conteúdo interno, seja em documentos de texto ou contagem de pontos de cor (pixels) em imagens ou mesmo uma análise dos metadados gerados durante a produção de um arquivo.

Com a eliminação de duplicidade é possível economizar muito espaço, o qual poderia ser aproveitado para outras funções, meios e fins. Essa eliminação de duplicidades e ruídos faz parte dos processos de gestão da informação.

O primeiro grau da virtualização, segundo Lévy (2003, p. 23), é a invenção de novas velocidades. A virtualização causa uma desterritorialização que cria em si novas distâncias relativas e conseqüentemente novas velocidades. Nos tempos antigos a comunicação era feita por carta, depois passou-se a usar o telegrama, telefone, fax, email e, finalmente a comunicação instantânea via aplicações virtuais.

Hoje as conversas ocorrem em tempo real e possuem teor dinâmico. Essa evolução da comunicação dinamizou o tempo necessário entre pergunta e resposta, assim como uma ferrovia ligando duas cidades encurta o tempo de viagem para seus usuários, mas mantém o tempo dos que viajam em carroças ou carros, potencialmente inalterado. As demais cidades ao redor também se mantêm na mesma distância em relação ao tempo. A mesma dinamização temporal se dá para os trajetos percorridos em voos (LÉVY, 2003, p. 22).

No virtual ocorre um fenômeno descrito pelo autor como o efeito *Moebius*, onde dentre outros aspectos, espaço privado e público entrelaçam-se, eliminando a tênue linha entre o exterior e o interior. Como exemplo usa-se o trabalhador clássico

que tinha uma mesa em seu trabalho e deslocava-se de sua casa todos os dias até o trabalho, cumpria seu horário e então retornava. Ao trabalhar virtualmente, o trabalhador passa para o espaço público sem sair de sua casa (espaço privado) e vice-versa (LÉVY, 2003, p. 24). Para Sayão (2007, p. 183):

A longevidade dos materiais digitais está ameaçada pela vida curta das mídias digitais, pela obsolescência rápida dos equipamentos de informática, dos softwares e dos formatos. O tempo cada vez mais curto entre a inovação e a obsolescência tecnológica nas áreas de tecnologia da informação constitui uma ameaça cada vez mais contundente à longevidade dos objetos do reino digital. Isto acontece principalmente porque a rápida obsolescência é a chave da sobrevivência empresarial num mercado altamente competitivo e baseado na inovação tecnológica. Não é exagero afirmar que informação no formato digital é mais frágil do que os fragmentos de papiro encontrados nas tumbas dos faraós egípcios.

Esse fenômeno da perda de conteúdo informacional é um ponto crítico. A produção intelectual continua subindo em números – embora nem tanto em qualidade – e fica cada vez mais difícil garantir a recuperação de informação relevante e de valor num curto espaço de tempo. Pesquisadores podem ser considerados verdadeiros mineradores do saber. É um processo longo, exaustivo e requer muita atenção às fontes. Fica fácil perder o foco ou cometer erros com base em fontes não confiáveis. Lévy (2003, p. 17) define que:

A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação da identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade, (uma "solução"), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular.

Tendo isso em mente, faz-se relevante um cuidado especial para com o ciberespaço, de modo que ele possa refletir em termos organizacionais o mesmo ambiente físico ao qual se relaciona. Se as bibliotecas e centros de informação possuem critérios de organização que podem ser comprovados por observação de seu espaço físico, a mesma organização ou sensação de acessibilidade deve ser garantida ao usuário virtual.

No item a seguir será abordada a taxonomia a fim de deixar claro o processo de elaboração do sistema de organização aqui apresentado. Será explicado o desenvolvimento desse sistema e como a taxonomia relaciona-se ao tema.

3 TAXONOMIA APLICADA AO VIRTUAL

A taxonomia é um conceito originado na biologia. Segundo a Wikipédia (2017), “Taxonomia (do grego antigo **τάξις** táxis, arranjo e nomia **νομία**, método) é a disciplina acadêmica que define os grupos de organismos biológicos, com base em características comuns e dá nomes a esses grupos.”. É um sistema dicotômico utilizado principalmente pelas áreas de botânica e zoologia – biologia em geral – para classificar espécies.

Foi através da divisão dicotômica entre gênero e espécie que Aristóteles, através de sua lógica, veio a contribuir com as primeiras etapas de formulação do que futuramente viria a ser uma teoria de classificação, segundo Langridge (1977, p. 24). Através de uma divisão conceitual hierárquica, são elencadas as características classificatórias e então aplicadas às espécies de modo a agrupá-las segundo suas diferenças ou semelhanças em grupos.

Araújo (2006, p. 122) explica que “para que existam gêneros e espécies é imprescindível a existência de um princípio classificatório ou ‘característica classificatória’”. Aristóteles colaborou ainda com a elaboração dos cinco predicados, os quais estabelecem cinco tipos de relações num arranjo lógico (ARAÚJO, 2006, p. 122):

- a) **Gênero:** classe ou grupo de seres ou objetos que possuem um determinado número de características em comum;
- b) **Espécie:** ser ou coisa que possui diferença específica que a distingue de seu gênero próximo; a espécie é obtida do gênero pelo acréscimo de uma diferença;
- c) **Diferença:** é a característica que serve para gerar uma espécie; cada acréscimo de diferença gera uma nova espécie;
- d) **Propriedade:** algo próprio de cada elemento de uma classe mas que não é imprescindível à definição da classe;
- e) **Acidente:** Qualidade não obrigatória a todos os elementos de uma classe, isto é, que pode ou não estar presente em um conceito (ARAÚJO, 2006, p. 122-123, grifo nosso).

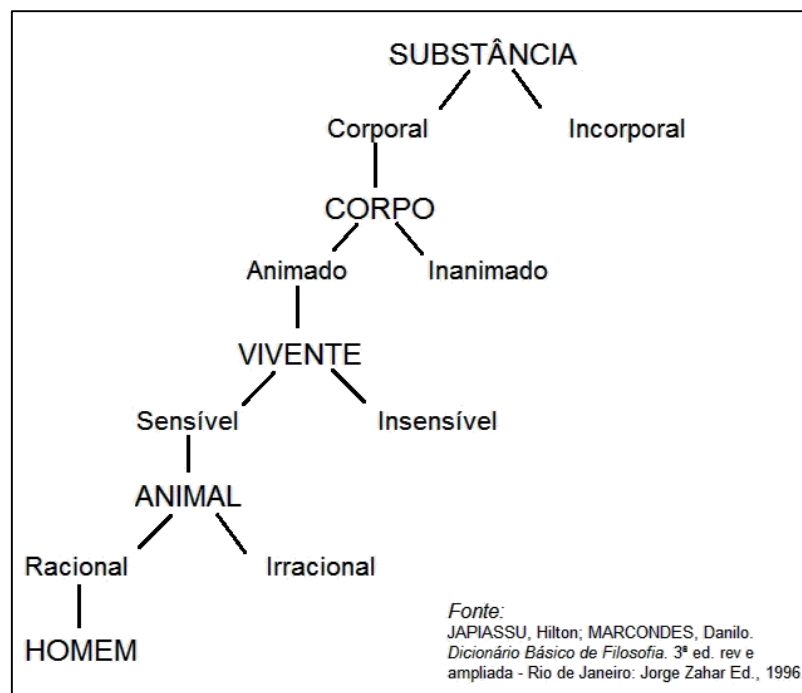
Como exemplo dessa relação entre cada um dos cinco predicados nos processos classificatórios podemos usar canetas esferográficas, as quais podem ser subdivididas segundo suas marcas e ou cores. Assim, as canetas representam o

gênero e as cores/marcas representam a diferença. Deste modo, canetas azuis, canetas pretas ou canetas vermelhas são a espécie das canetas e azuis, pretas e vermelhas são as propriedades delas. Possuírem escrita mais ou menos espessa, ou serem maiores ou menores umas que as outras, pode ser uma considerada uma característica accidental. Sendo assim, uma caneta azul com maior ou menor que outra, com escrita mais fina ou mais espessa, não a exclui ou interfere no seu pertencimento ao grupo de canetas azuis. Tal exemplo foi adaptado de outro, com cadeiras, citado por Araújo, (2006, p. 123).

Nos sistemas de classificação construídos a partir dessa lógica, as espécies são, portanto, obtidas pela diferença específica, ou seja, as qualidades ou atributos que, somados ao próprio gênero, as distinguem. Diremos, então, que a cada derivação conceitual as espécies daí decorrentes adquirem pelo menos um atributo a mais que seu gênero próximo, tornando-se mais intensas ou compreensíveis na medida em que aumenta o número de diferenças (DODEBEI, 2002, apud ARAÚJO, 2006, p. 123).

Um exemplo clássico no campo da classificação é a chamada Árvore de Porfírio, onde é possível perceber a subordinação dos conceitos. Partindo-se do conceito mais geral, que é substância (corporal ou corpórea), vão sendo verificadas as características e o processo leva ao termo mais específico “homem”. Nesta hierarquia, quanto mais profunda for a ramificação, mais específico será o conteúdo.

Figura 1 – Árvore de Porfírio



Tal conceito foi incorporado não só pela Biblioteconomia, mas por outras áreas, inclusive a empresarial, onde é possível encontrar o termo “taxonomia empresa”, o qual se refere a um conjunto de palavras mais “fechadas” dentro da área de administração. Em outros termos, a taxonomia pode ser resumida à teoria prática da classificação. Se não fosse pela apropriação desse termo, outro que provavelmente o substitui corretamente é “vocabulário controlado”, pois é exatamente isso que são as taxonomias: vocabulários controlados que mediam a linguagem natural e a linguagem técnica necessária à recuperação da informação no campo da Ciência da Informação.

Segundo Campos e Gomes (2007, p. 1), a organização sistemática “das informações através do conceito de Taxonomia permite alocar, recuperar e comunicar informações dentro de um sistema de maneira lógica através de navegação.”. Assim, no contexto do ciberespaço, a

[...] utilização de taxonomias permite que se estabeleçam padrões de alto nível para a ordenação e classificação de informação através do uso de mecanismos de herança. O conceito de herança é um dos conceitos mais poderosos no desenvolvimento de software. As máquinas podem compreender corretamente relacionamentos de generalização e especialização entre as entidades atribuindo propriedades às classes gerais e então assumindo que as subclasses herdam estas propriedades (CAMPOS; GOMES, 2007, p. 3).

A herança é um conceito tão importante que boa parte da estruturação na web é baseada nisso: diretórios que são armazenados dentro de outros, formando assim uma cadeia “linear” (no sentido de ser progressiva). Essas características da taxonomia são fundamentais, pois não é possível haver uma correta construção taxonômica sem que sejam atendidos determinados requisitos. Campos e Gomes (2007, p. 2), listam esses conceitos na forma de cânones (princípios fundamentais). No caso da divisão, elas estabelecem quatro cânones, a saber:

- **Cânone de Diferenciação** – uma característica usada como base para a classificação de um universo deve fazer a diferenciação de algumas de suas entidades, ou seja, deve dar origem a pelo menos duas classes;
- **Cânone de Relevância** – uma característica usada como base para a classificação de um universo deve ser relevante para o propósito da classificação;
- **Cânone da Verificabilidade** – uma característica usada como base de classificação em um universo deve ser definitiva e verificável. Um universo de entidades pode ter muitas características relevantes. Mas nem todas elas são passíveis de verificação. Este cânone enfatiza que apenas as

características verificáveis devem ser escolhidas para divisão do universo de entidades;

• **Cânone da Permanência** – uma característica usada como base para a classificação de um universo continua a ser mantida enquanto não houver mudança no propósito da classificação propriedades (CAMPOS; GOMES, 2007, p. 3, grifo nosso).

Esses cânones são importantes para a estruturação da taxonomia, pois direcionam e delimitam os aspectos a serem considerados durante a sua concepção. Cada cânone se relaciona ao outro e ao final eles constituem uma espécie de filtro de refino para que o resultado final seja harmonioso e coerente.

Pode-se afirmar que a taxonomia é, na prática, uma ferramenta que permite analisar e prever relações entre termos e conceitos. Esses padrões são importantes, pois garantem a organização e também permitem um poder de refino muito maior na filtragem dos recursos, evitando inclusive a duplicidade de entradas e a dispersão dos termos.

[As taxonomias estão] sendo vistas como meios de acesso atuando como mapas conceituais dos tópicos explorados em um serviço de recuperação. O desenvolvimento de taxonomias para o negócio da empresa tem sido um dos pilares da gestão da informação e do conhecimento. (volume de informação requer padronização). [...] As taxonomias como estruturas classificatórias representam os propósitos de organização intelectual de um dado contexto. Neste sentido, são diferentes dependendo do tipo de organização e de informações que pretendem representar (CAMPOS; GOMES, 2007, p. 3-4).

A taxonomia permite que se enxergue com maior clareza o fluxo informacional, o valor daquela informação e suas relações, diretas e indiretas. É um processo que pode ser elaborado em qualquer área do conhecimento e permite o reuso parcial ou total de suas estruturas. Essa flexibilidade permite a adaptação de uma taxonomia existente para se gerar uma versão nova ou mais atual, sem ter de recomeçar do zero.

Para o sistema de organização aqui apresentado, foi criada uma árvore taxonômica, a qual é resultado da ramificação e hierarquização dos termos e conceitos. Essa sucessão de níveis taxonômicos diversos desenvolve-se até o ponto em que se torna um mapa visual que possibilita a visualização das classes, dos termos genéricos (mais abrangentes) e dos termos específicos (mais objetivos). Essa ramificação poderá ser conferida nos resultados do trabalho.

A seguir, seguem algumas das características tipológicas da taxonomia elencadas por Campos e Gomes (2007, p. 3-4):

- a. Conter uma lista estruturada de conceitos/termos de um domínio.
- b. Incluir termos sem definição, somente com relações hierárquicas.
- c. Possibilitar a organização de dados, diferentemente das taxonomias seminais, além de evidenciar um modelo conceitual do domínio.
- d. Ser um instrumento de organização intelectual, atuando como um mapa conceitual dos tópicos explorados em um Sistema de Recuperação de Informação.
- e. Ser um novo mecanismo de consulta em Portais institucionais, através de navegação.

Com base nas características supracitadas, fica mais fácil compreender a finalidade da taxonomia e também perceber o caminho a ser percorrido até sua concepção final.

Cabe ainda deixar claro que nenhuma taxonomia é melhor ou pior que outra, desde que ambas sejam relevantes, consistentes e não apresentem concomitâncias em suas características internas. Sobre este último ponto, Campos e Gomes (2007, p. 123) explicam que “em caso algum duas características podem ser concomitantes num esquema associado de características, ou seja, elas não devem dar origem ao mesmo renque de conceitos.”.

Muito provavelmente, qualquer profissional que siga essas diretrizes e recomendações, estará apto a desenvolver suas taxonomias, bem como analisar e compreender taxonomias já existentes.

A seguir será tratada a questão da organização aplicada em ambientes virtuais e como a taxonomia pode contribuir para os processos de organização de conteúdos no ciberespaço.

Quanto à organização aplicada em ambientes virtuais, buscou-se viabilizar neste trabalho, não só a organização de conteúdos textuais (tais como PDF, DOC, TXT, RTF etc), mas também audiovisuais, fosse áudio, imagem, vídeo ou, em último caso, aplicações, também chamadas de *softwares* – os programas de computadores. Para isso, foram utilizados os conceitos oriundos da taxonomia.

A teoria do conceito foi fundamental no processo de organização dos conceitos e na distribuição dos conteúdos, proporcionando a geração de uma taxonomia de objetos digitais.

Dahlberg (1978, p. 102) explica que “com a ajuda das linguagens naturais é possível formular enunciados a respeito tanto dos conceitos individuais como dos

conceitos gerais”. Após essa etapa, é possível usar tais enunciados como base para que assim sejam elaborados os conceitos relativos aos objetos a serem tratados. Assim, cada enunciado verdadeiro representará um elemento do conceito (DAHLBERG, 1978, p. 102).

As taxonomias acabam por ser “restritas em suas possibilidades de exploração por conterem apenas relações hierárquicas partitivas.” (CAMPOS; GOMES, 2007, p. 4) e esse fato fomentou a busca por outros tipos de taxonomias. Na busca por outros tipos, a mais apropriada ao trabalho foi a taxonomia policotômica de processos e tarefas gerenciais, a qual permite sucessivas divisões a partir de um domínio, que neste caso é um diretório raiz.

Para Campos e Gomes (2007, p. 4), a taxonomia policotômica possibilita uma organização que não prioriza nenhum aspecto em específico, conseqüentemente tornando os níveis subseqüentes apenas uma maior especificação do nível primário. Isto ocorre devido à sua base classificatória conceitual. "Como o documento pode tratar de diversos aspectos, este modelo permite agregar e também acessar os documentos sob estes diversos aspectos" (CAMPOS; GOMES, 2007, p. 4).

Mudanças na forma como o usuário enxerga e utiliza a web foram percebidas ao longo do tempo e junto com essas mudanças surgiu também uma aceleração nos processos de busca e acesso da informação, algo que talvez tenha sido previsto por Ranganathan (2009) ao determinar que o tempo do leitor deveria ser poupado.

Embora o processo taxonômico de classificação possa ser eficiente, ele muitas vezes soa individualista, visto que o colaborativismo não é uma de suas características principais.

Como a presente sistemática tem por objetivo servir de modelo para que usuários comuns possam organizar seus conteúdos de modo mais simples e intuitivo, a taxonomia utilizada pode, futuramente, ser aprimorada e tornar-se uma folksonomia, a qual possui potencial para que haja esse diálogo entre os próprios usuários e assim eles mesmos possam efetuar ajustes com base em experiências pessoais de uso. A descentralidade da informação é mais que uma tendência, ela é uma realidade. Por isso a organização desses conteúdos também deverá fluir melhor se os processos envolvidos forem partilhados e ajustados pelo coletivo.

4 METODOLOGIA

Como metodologia fez-se uso de abordagem qualitativa para tratar da pesquisa e levantamento dos dados necessários. Marconi e Lakatos (2003, p. 44-45) foram importantes na decisão final de se manter ou não o tema, com base na dicotomia entre fatores motivacionais internos e externos abordados pelas autoras e também na elaboração de fichas de resumos e citações (MARCONI; LAKATOS, 2003, 56-59).

Com base na literatura consultada ao longo das disciplinas do curso de Biblioteconomia e seguindo as orientações das obras de Silveira e Córdova (2009, p. 37) e Fonseca (2002, p. 32), iniciou-se a pesquisa bibliográfica sobre o tema.

A busca por fontes bibliográficas contou com recomendações de docentes e parte do referencial foi baseado nos autores utilizados para fomentar as aulas de disciplinas como Organização do Conhecimento I e II, onde foram utilizadas obras dos autores: Langridge (1977), Dalhberg (1978), Burke (2002), Araújo (2006), Campos e Gomes (2007) e Ranganathan (2009). Durante o curso das disciplinas de Sistemas de Organização do Conhecimento I e II, e da disciplina de Organização de Conceitos em Linguagens Documentárias houve a maturação e preparo para a fase de produção do trabalho de conclusão de curso.

Além das fontes disponíveis nos conteúdos das disciplinas supracitadas, foram utilizados os portais CAPES, BRAPCI e Google Acadêmicos (*Google Scholar*) na busca por referencial teórico que respondesse alguns pontos não alcançados pela literatura disponível até aquele ponto.

Das buscas feitas, na página seguinte é possível conferir alguns resultados de acordo com os termos buscados em cada um dos portais.

Quadro 1 – Resultados de buscas em portais

PORTAL	BUSCA	TERMOS	RESULTADO
CAPES	Por assunto	Ciência da informação, biblioteconomia	1921 resultados; 5 resultados relevantes; 1 arquivo utilizado
	Por assunto	Teoria da classificação	2756 resultados; 10 resultados relevantes; nenhum utilizado
	Por assunto	Taxonomia	11994 resultados; 7 resultados relevantes; nenhum utilizado
CAPES	Por assunto	Taxonomia, biblioteconomia	79 resultados; 3 relevantes; nenhum utilizado
	Por assunto (2010 à 2017)	Produção científica	6855 resultados; 5 relevantes; nenhum utilizado
BRAPCI	Todos os campos (1972 a 2017)	Taxonomia, biblioteconomia	4 resultados; 0 relevantes; nenhum utilizado
	Por assunto (2010 à 2017)	Ciência da informação, biblioteconomia	493 resultados; 0 relevantes; nenhum utilizado
Google Acadêmico / Google Scholar	N/A	Taxonomia	103 mil resultados; 0 relevantes; nenhum utilizado
	N/A	Taxonomia, biblioteconomia	,2 mil resultados; 4 relevantes; nenhum utilizado
	N/A	Ciência da informação, biblioteconomia	42,4 mil resultados; 9 relevantes; 1 arquivo utilizado

Fonte: o autor.

Os termos relevantes buscados foram ciência da informação, biblioteconomia, taxonomia, produção do conhecimento, objetos virtuais, organização de arquivos virtuais, gestão de arquivos virtuais e bibliotecas virtuais. Para além destes, foram pesquisados também os nomes de autores cujos resultados já eram esperados, tais

como Dalhberg, Maria Campos e Hagar Gomes, Ortega, Piedade e Sayão, dentre outros.

A maior parte dos resultados relevantes foram encontrados no Google Acadêmico, pois a busca por autor junto aos termos possivelmente relevantes foi feita diretamente por ele. Uma vez feito o levantamento do referencial teórico, buscou-se elaborar a metodologia a ser desenvolvida para o trabalho.

Através do método indutivo abordado por Marconi e Lakatos (2003, p. 86-91) ao invés do dedutivo, foram coletados dados qualitativos mediante observação dos colegas de curso e suas demandas por material das disciplinas. O método indutivo mostrou-se mais apropriado por conta de suas características:

Uma característica que não pode deixar de ser assinalada é que o argumento indutivo, da mesma forma que o dedutivo, fundamenta-se em premissas. Mas, se nos dedutivos, premissas verdadeiras levam inevitavelmente à conclusão verdadeira, nos indutivos, conduzem apenas a conclusões prováveis ou, no dizer de Cervo e Bervian (1978:25), "pode-se afirmar que as premissas de um argumento indutivo correto sustentam ou atribuem certa verossimilhança à sua conclusão. Assim, quando as premissas são verdadeiras, o melhor que se pode dizer é que a sua conclusão é, provavelmente, verdadeira" (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 86).

Esse ponto de vista mostrou-se coerente com o objetivo do sistema apresentado. Não é objetivo do autor apontar que esse ou aquele sistema é mais ou menos indicado. Assim como não se pretende questionar a validade de outros sistemas, processos e métodos. O foco manteve-se em aprimorar o trabalho ao ponto de torná-lo válido e usual.

Na etapa seguinte, baseando-se na teoria apresentada no referencial teórico, foram elencadas as categorias para o trabalho: Textos; Imagens; Áudios; Vídeos e Aplicações. Após a estruturação das categorias principais, foram criadas as subcategorias através da intensão e extensão, conceitos abordados por Dahlberg, (1978, p. 105).

Por fim a sistemática de organização de conteúdos estava concebida em sua estrutura básica, a qual foi gradualmente revisada e ampliada até se obter o resultado que apresentado no item a seguir.

5 RESULTADOS

A base apresentada no referencial teórico sedimentara o projeto e permitiu seu avanço que começou com uma organização leiga e culminou em algo até certo ponto totalmente inusitado para o autor.

Na tentativa de contribuir para a gestão desse conteúdo virtual e após reflexão tomando como base principalmente a literatura de Dahlberg (1978), Piedade (1983), e Campos e Gomes (2007), foram observadas e elencadas as seguintes categorias de conteúdos digitais a partir de estruturas conceituais:

1. Textos
2. Imagens
3. Áudios
4. Vídeos
5. Aplicações (*softwares*)

Foi exatamente através da análise desses conceitos que desenrolaram-se as categorias elencadas abaixo, após submetê-los à intenção e extensão do conceito, onde foram avaliadas as semelhanças e as diferenças entre cada tipo de categoria. Um desafio nesta etapa foi definir um local apropriado às planilhas de texto, que não são obras, recortes ou periódicos, mas ainda assim, conservam a característica fundamental de possuir elementos textuais.

Figura 2 – Categorias do diretório principal



Fonte: o autor.

A partir das categorias elencadas e com base na literatura acerca das taxonomias iniciou-se então a elaboração hierárquica dos conceitos. Estes por sua vez deram origem às ramificações e dicotomias que culminaram numa árvore de conceitos.

As taxonomias por sua vez, foram fundamentais para elencar as seguintes categorias de objetos digitais onde foram armazenados os conteúdos de acordo com seus tipos/formatos específicos.

Não foi possível aplicar essa proposta em algum ambiente empresarial para testar sua eficiência e eficácia nesse tipo de ambiente. No ambiente educacional, especificamente o ambiente acadêmico discente, tal esquema mostrou-se extremamente eficiente, fosse para o armazenamento ou para a recuperação de informação, como pode ser visto no anexo A. Na imagem é possível conferir o repositório de conteúdos do curso de Biblioteconomia, onde estão reunidos pelo autor quase todos os arquivos acumulados ao longo da graduação.

O produto final foi disponibilizado aos colegas de graduação, sendo apresentado e submetido a testes com alguns usuários e todos se mostraram receptivos. A capacitação dos usuários testadores não demandou grandes esforços e desde que passaram a utilizar-se da solução proposta, relataram maior facilidade em recuperar e gerir conteúdos.

Para a capacitação dos usuários, foram observados os grupos de estudantes nas disciplinas e depois um dos membros de cada grupo foi convidado a receber uma breve explicação sobre o funcionamento e ordenação do repositório, sendo o mesmo imbuído de repassar aos seus colegas as instruções de uso e URL de acesso.

Nos casos onde uma determinada pessoa compusesse dois grupos distintos em disciplinas diferentes, essa pessoa tinha preferência no momento de selecionar os testadores a serem instruídos.

Depois de algum tempo os próprios estudantes fizeram a disseminação da informação e divulgaram o repositório aos seus colegas, garantindo assim que grande parte dos estudantes de biblioteconomia tivessem acesso.

Como última medida para garantir que nem mesmo os ingressantes ficassem de fora, na primeira semana de cada semestre, desde 2015.1, o autor sempre visitava a turma ingressante e fazia uma apresentação geral do curso, da instituição, dos recursos e do repositório, como pode ser visto no anexo B, documento que é na verdade uma carta de boas-vindas aos ingressantes e possui orientações que o próprio autor não teve durante seu ingresso e que fizeram muita falta.

Abaixo pode ser conferido o quadro com as categorias principais, a descrição dos conteúdos a serem alocados naquela categoria e os formatos mais comuns dos objetos.

Quadro 2 - Numeração e descrição das categorias

Nº	Categoria	Conteúdo	Formatos
01	Biblioteca	Acervo textual composto por livros, revistas, publicações, periódicos, textos, anotações e todo material que seja fundamentalmente textual possuindo ou não imagens e ilustrações.	.TXT, .RTF, .DOC, .DOCX, .PDF
02	Iconoteca	Acervo constituído por imagens, sejam desenhadas, criadas ou fotografadas. De um modo geral são desenhos, esboços, fotografias, gravuras, ilustrações, pinturas e retratos.	.JPG, .JPEG, .PNG, .GIF, .BMP
03	Audioteca	Acervo em áudio composto por arquivos sonoros que podem ser sons instrumentais, gravações vocais de diversos tipos, músicas, sons da natureza, etc.	.MP3, .WAV, .FLAC, .AAC, .M4A, .OGG
04	Videoteca	Acervo constituído por vídeos e arquivos audiovisuais em geral. Os vídeos podem ser filmes, seriados, animações, registros, documentários, etc.	MP4, .AVI, .FLV, .MKV, .RMVB, .MPEG
05	Tecnoteca	Acervo baseado em programas e aplicações em geral. É constituído de softwares independente da natureza dos mesmos. Aqui também são armazenados plugins e extensões de programas.	.EXE, .MSI, .APK

Fonte: o autor.

5.1 Tipos de objetos digitais e seus locais de armazenamento

Para a organização do conteúdo, foi criado um diretório principal, nomeado Acervo. Dentro desse diretório foram criadas cinco pastas numeradas, como na figura 2 e só então iniciou-se o trabalho de desenvolvimento das subcategorias, através da hierarquização desse conteúdo.

5.2 Processo de hierarquização

Após a criação das categorias (diretórios) principais, procedeu-se à criação de um sistema lógico de subdiretórios logicamente interconexos. Para isso fez-se necessário o desenvolvimento de esquemas específicos a cada tipo de recurso.

Figura 2 – Categorias do diretório principal



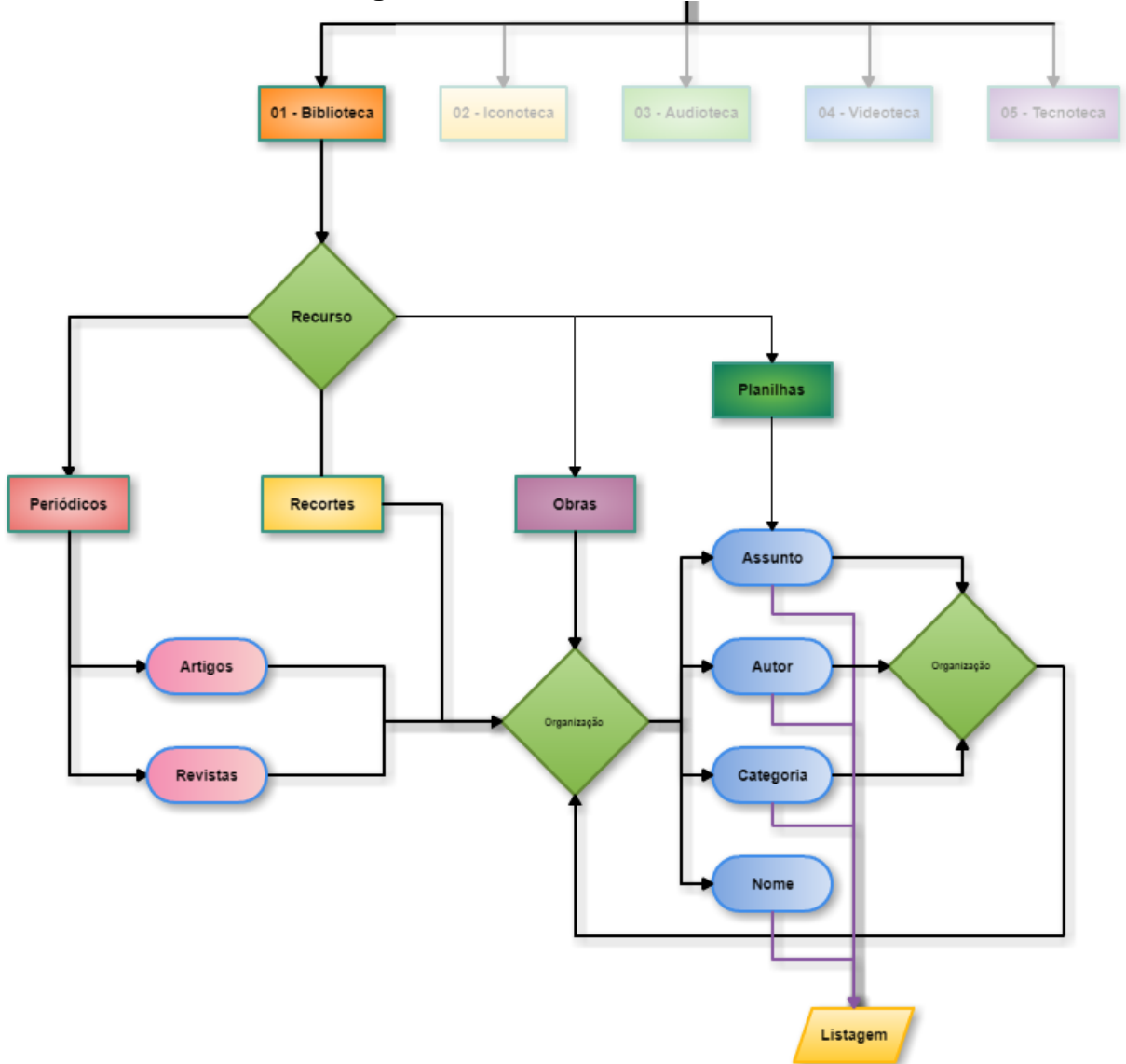
Fonte: o autor.

5.2.1 Recursos textuais – Biblioteca

A organização está condicionada primeiramente ao tipo de conteúdo. Se é uma obra, um recorte/documento ou uma planilha. Foi criada uma pasta para cada tipo de recurso e dentro delas foram criadas outras de acordo com a demanda. Caso o recurso fosse um periódico (jornal, revista ou afim) ou coleção seriada, poderia proceder-se à uma divisão específica chamada Hemeroteca e nela reiniciariam-se as divisões tratando o diretório como um principal.

- **Periódicos:** crie novas pastas usando como critério uma ou mais opções que são Assunto, Autor, Categoria, Título ou Ano.
- **Obras:** destinada às obras completas. Como critério, adote uma ou mais opções que são Assunto, Autor, Categoria ou Título.
- **Recortes/Documentos:** destinada a trechos de arquivos ou documentos em aberto/pendentes. Organize por tema ou assunto.
- **Planilhas:** aqui ficam os arquivos de planilhas de dados, já que por via de regra são arquivos textuais, sendo os gráficos e demais elementos opcionais e não fundamentais. Organize por assunto ou finalidade.

Fluxograma 1 – Diretório “01 – Biblioteca”



Fonte: o autor.

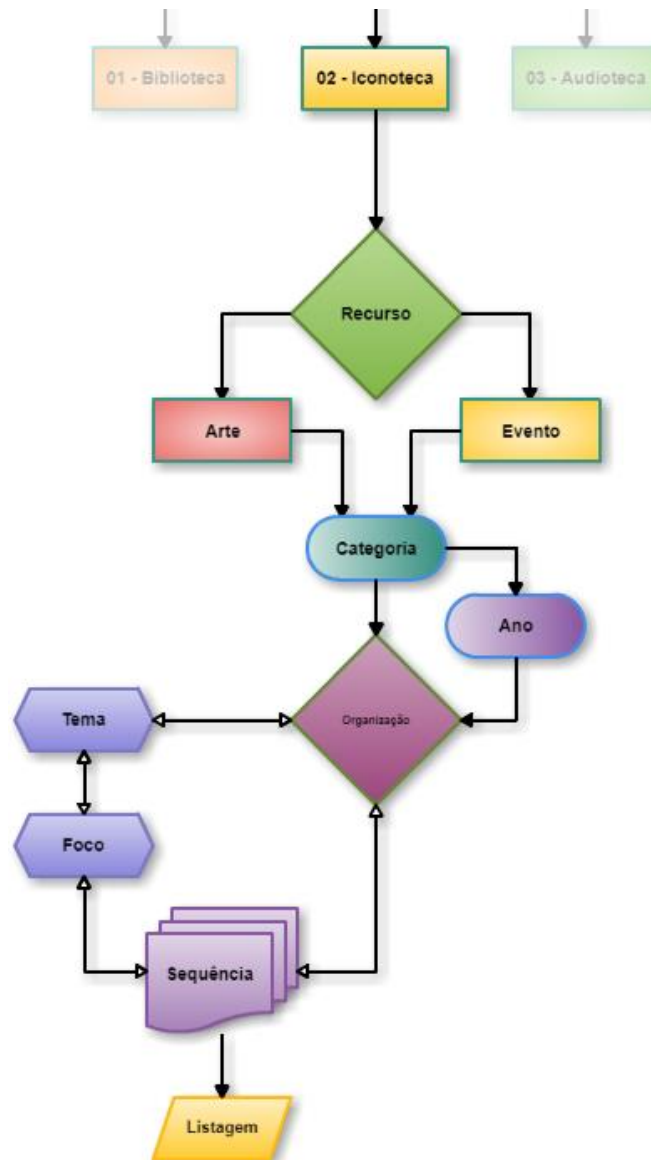
Ex: Fichamento de aula

Local de armazenamento: 01 - Biblioteca > Recorte > Faculdade > Período > Disciplina > Fichamentos > nome do arquivo [ponto] extensão do arquivo

5.2.2 Recursos visuais – Iconoteca

Aqui o conteúdo foi dividido primeiramente por emanção: se era uma fotografia sem quaisquer edições ou uma criação feita através de algum software para edição/criação de imagens. Em seguida foi feita a organização de fotografias por ano.

Fluxograma 2 – Diretório “02 – Iconoteca”



Fonte: o autor.

Ex: Fotografia de festa de aniversário

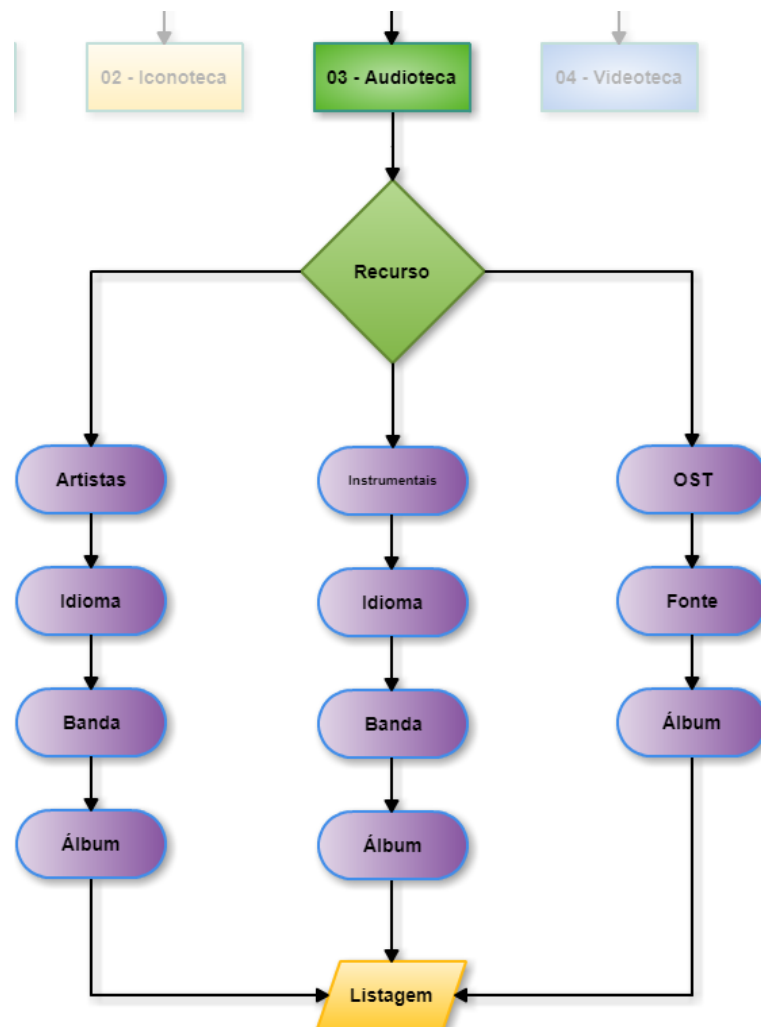
Local de armazenamento: 02 – Iconoteca > Aniversário > Ano > Nome [da pessoa homenageada] > nome do arquivo [ponto] extensão do arquivo

Obs: O arquivo deverá ser ordenado preferencialmente em ordem numérica sempre, pois assim garantir-se-á que as imagens tenham ordenação cronológica.

5.2.3 Recursos Sonoros – Audioteca

Categoria para músicas e áudios gerais. A ordenação se deu por dois filtros básicos: primeiro determinou-se o conteúdo, se ele emanou de um artista/banda, se era um instrumental, trilha de algum material secundário, conhecida também como trilha sonora original (do inglês *original soundtrack*, OST). Em seguida separou-se por idioma, nome do(s) autor(s), fosse ele um artista, uma banda ou o título da fonte (caso fosse de uma série, por exemplo). Por fim bastou criar categorias separando os álbuns/trabalhos em ordem cronológica, ou seja, de produção/lançamento.

Fluxograma 3 – Diretório “03 – Audioteca”



Fonte: o autor.

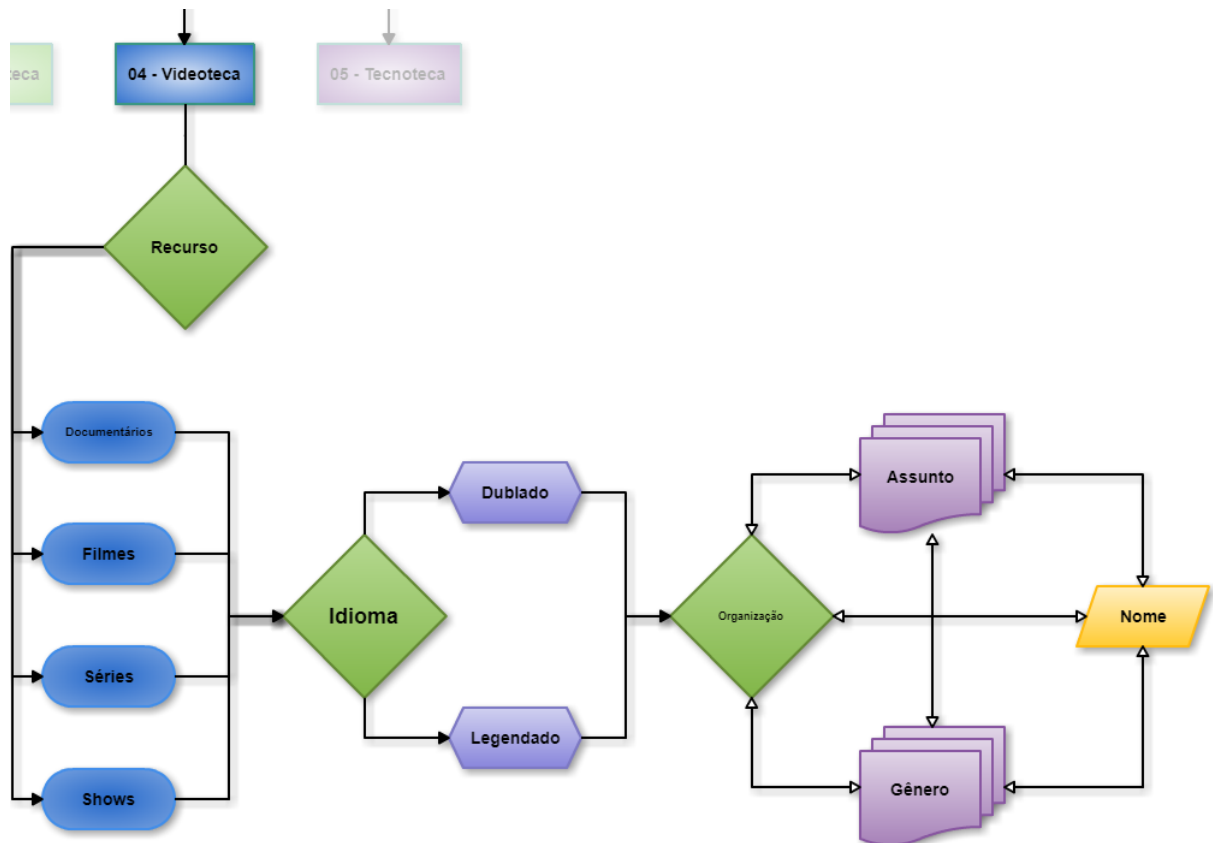
Ex: Música Aquarela do cantor e compositor Toquinho.

Local de armazenamento: 03 – Audioteca > Artistas > Brasileiros > Toquinho > [álbum de número...] 37 – Aquarela – 1983 > nome do arquivo [ponto] extensão do arquivo (faixa 07 ou B2, considerando-se que o lançamento ocorreu em vinil)

5.2.4 Recursos Audiovisuais – Videoteca

Organizou-se por tipo de conteúdo, definindo-se primeiramente se era um documentário, filme, série, show, animação ou registro. Em seguida, caso fosse aplicável, seria criada uma subcategoria para o idioma e por último seriam feitas as distinções por gênero e ou assunto, finalizando com o nome do conteúdo.

Fluxograma 4 – Diretório “04 – Videoteca”



Fonte: o autor.

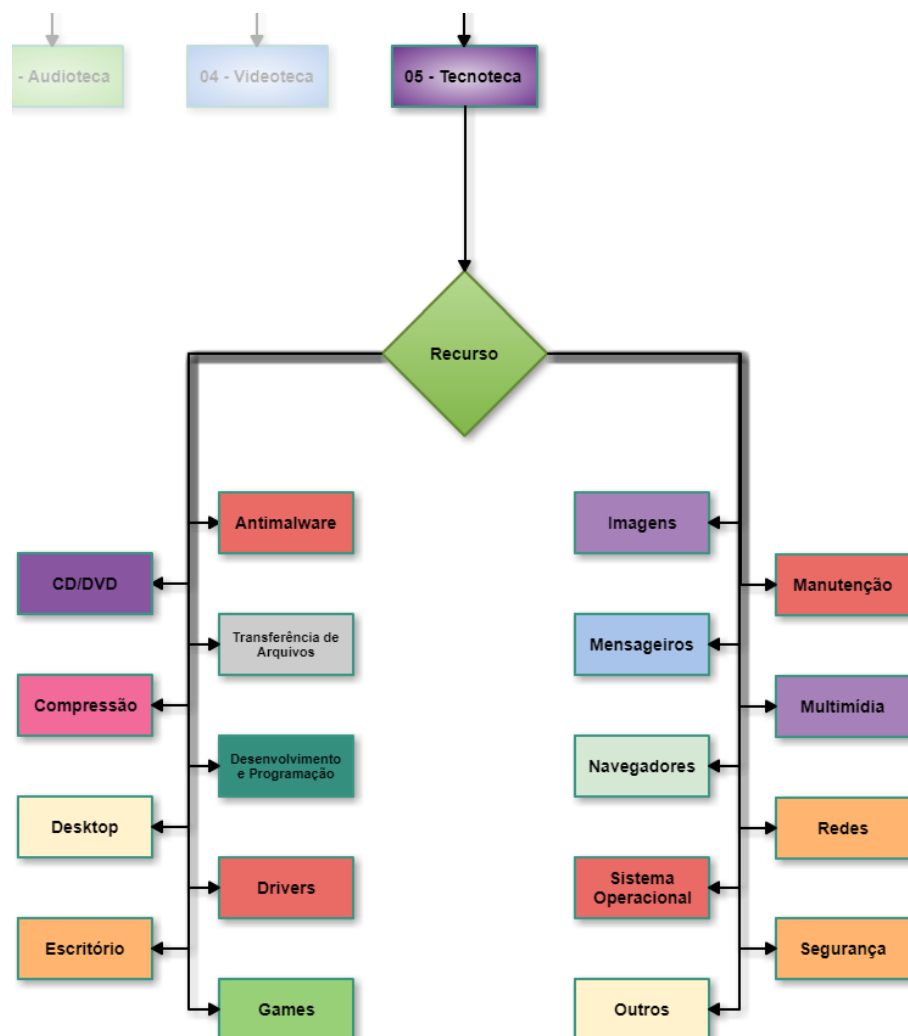
Ex: Filme Sr. Ninguém, 2009 (fantasia/drama)

Local de armazenamento: 04 – Videoteca > Filmes > Dublados > Fantasia [E/OU] Drama > Sr. Ninguém [ponto] extensão do arquivo e ano

5.2.5 Recursos Tecnológicos – Tecnoteca

Embora existam diversos critérios para se organizar aplicações, o mais sensato à ocasião pareceu ser focar na utilidade principal e seus usos. Começou-se pela distinção por tipo de aplicação, por exemplo um leitor de arquivos PDF, um reprodutor de vídeos e/ou músicas, um sistema operacional, (des)compressor de arquivos, editor de textos ou planilhas, etc. Depois criou-se uma subcategoria para cada aplicação, já considerando que uma aplicação pode ter N versões (gratuitas, versões beta, versões de testes e versões parcialmente e/ou totalmente pagas).

Fluxograma 5 – Diretório “05 – Tecnoteca”



Fonte: o autor.

Ex: Adobe Acrobat Reader DC (leitor de PDF)

Local de armazenamento: 05 - Tecnoteca > Escritório > Leitores > PDF > Adobe [empresa] > nome do arquivo [ponto] versão [ponto] extensão do arquivo

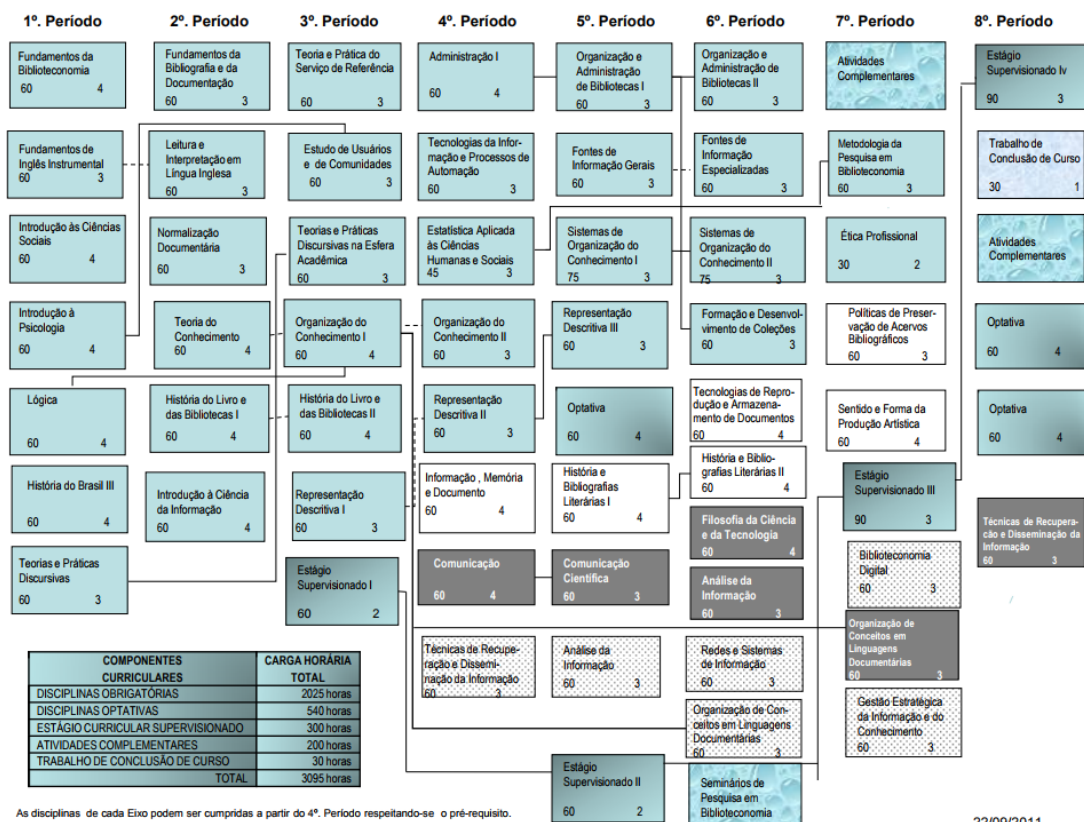
5.2.6 Repositório acadêmico

Uma vez apresentada a estrutura base do projeto em si e as categorias utilizadas no âmbito pessoal, cabe aqui também a apresentação mais detalhada do sistema ajustado ao âmbito acadêmico.

Os ajustes para criar um repositório que fosse simples e acessível aos estudantes de Biblioteconomia não necessitou de grandes mudanças. Foram elencadas as categorias principais para o domínio “Biblioteconomia” e então criadas as ramificações de acordo com as subcategorias.

O domínio foi definido como Biblioteconomia, as categorias foram os oito períodos letivos das disciplinas e as subcategorias foram o resultado de cada disciplina de cada período. Para entender melhor, basta olhar o fluxograma do curso de Bacharelado em Biblioteconomia diurno. A imagem abaixo é uma miniatura do fluxograma.

Figura 3 – Fluxograma do curso de Biblioteconomia



Fonte: http://www2.unirio.br/unirio/cchs/eb/copy2_of__APNDICE

A estruturação final do repositório pode ser vista no ANEXO A.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por existir na internet uma infinidade de conteúdos sobre os temas abordados, reunir fontes não foi uma tarefa difícil, ao contrário da seleção das fontes apropriadas, com base na relevância e nível de discurso de cada autor.

Por se tratar de um tema relativamente simples, as fontes consultadas e selecionadas seguiram o mesmo padrão, decidindo-se por deixar de fora autores mais complexos e os mais fechados (técnicos) dentro da área, exceto por Dahlberg, que nos proporciona uma visão técnica sem perder a didática, e cujos conceitos foram necessários ao desenvolvimento da sistemática.

Hoje o sistema aqui apresentado é funcional e supre satisfatoriamente a demanda de usuários que se utilizam de dispositivos de armazenamento para salvar e preservar apenas conteúdos do dia a dia (fora do meio corporativo/empresarial).

Embora este seja apenas um pequeno passo, em médio ou longo prazo e com a colaboração do coletivo, esse sistema possui potencial para tornar-se intuitivo ao ponto de ser considerado algo natural para seus utilizadores.

O tempo e a repetição de qualquer processo conduzem à internalização e essa característica possibilita que o presente sistema assuma caráter simbiótico no sentido de que todo o conteúdo armazenado – e organizado – possua sua localização mentalmente memorizada por conta dos esquemas associativos presentes no princípio de intenção e extensão dos conceitos abordados por Dahlberg (1978, p. 104-106).

O estudo ainda precisa de ajustes, mas pelo menos na implementação inicial já apresenta resultados satisfatórios. Não há como precisar quanto tempo levará até que esse passo seja dado e se de fato isso acontecerá. O que se pode mensurar, mesmo que remotamente, é o valor que esse tipo de avanço produziria.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos teóricos da classificação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n. 22, 117-140, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14702210>>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: relações teóricas e institucionais. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 110-130, maio 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n31p110/17765>>. Acesso em: 9 jul. 2017.
- BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estud. av.**, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 173-185, abr. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 jun. 2017.
- CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Taxonomia e classificação: a categorização como princípio. In: ENANCIB, 8; 2007, Salvador, **Anais...** Salvador, UFBA, 2007. Disponível em <<http://200.20.0.78/repositorios/handle/123456789/159>>. Acesso em: 12 jun. 2017.
- DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 7, n. 2, dec. 1978. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115/115>>. Acesso em: 22 nov. 2016.
- FERREIRA JR, Helio da Silva. Otlet realizador ou visionário? O que existe em um nome?. **Ciência da Informação**, v. 35, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n2/a02v35n2.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em: <<http://197.249.65.74:8080/biblioteca/bitstream/123456789/716/1/Metodologia%20da%20Pesquisa%20Cientifica.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2017.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LANGRIDGE, Derek. **Classificação**: abordagem para estudantes de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.
- LEVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Ed. 34, 1996. 157 p. (Coleção Trans).
- LUCAS, Clarinda Rodrigues. A organização do conhecimento e tecnologias da informação. **Transinformação**, v. 8, n. 3, p. 59-65, set./dez., 1996. Disponível em <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/download/1601/1573>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **DataGramZero-Revista de Ciência da Informação**, v. 5, n. 5, 2004. Disponível em <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2010/01/pdf_48cabfd9b6_0007649.pdf>. Acesso em 12 jun. 2017.

PIEIDADE, Maria Antonietta. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **As cinco leis da biblioteconomia**. Briquet de Lemos/Livros, 2009.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. In: Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

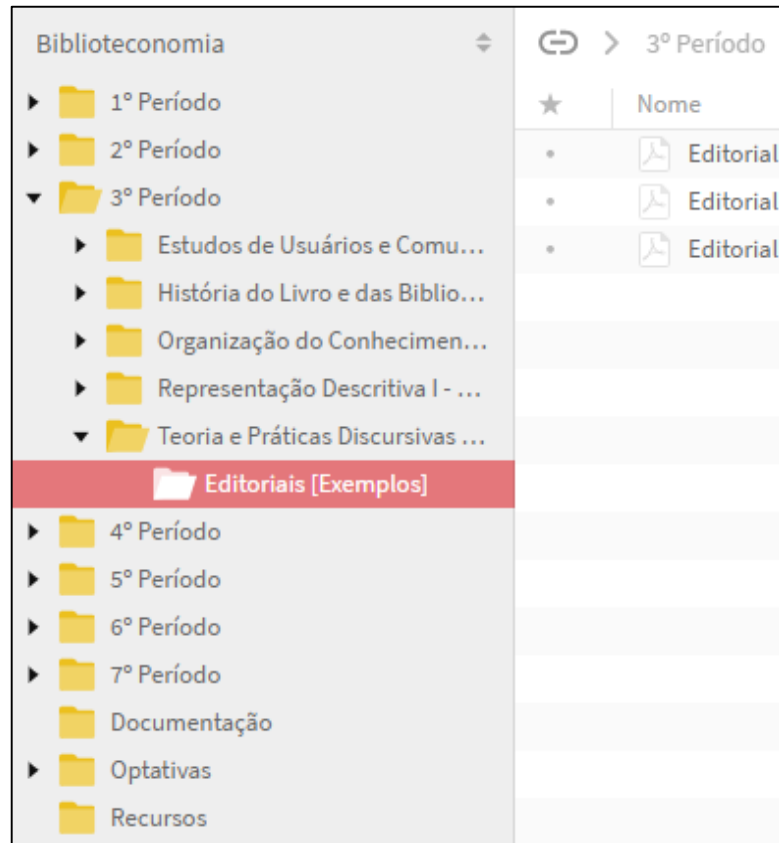
SAYÃO, Luiz Fernando. Conservação de documentos eletrônicos. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia; ROCHA, Claudia (Org.). **Conservação de acervos**. Rio de Janeiro: MAST, 2007, p. 181-204.

TAXONOMIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Taxonomia&oldid=49274184>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

ZAHER, Celia Ribeiro. Da documentação à informática. In: SEMINÁRIO DA DOCUMENTAÇÃO À INFORMÁTICA, 1971, Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1974. 240p. p. 49-86.

ANEXO A ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA EM PLATAFORMA ONLINE

Figura 1 – Repositório acadêmico



Fonte: O autor.

Figura 2 – Arquivos de texto em formato PDF

Nome	Tamanho	Tipo	Data Criada
Editorial - Claudia - O Alzheimer e a arte de perder - Folha de S.Paulo.pdf	40 KB	PDF Document	2015-09-01 17:52
Editorial - Má Educação - Folha de S.Paulo.pdf	135 KB	PDF Document	2015-09-01 17:52
Editorial - Rosely Sayão - O Valor da Intimidade - Folha de S.Paulo.pdf	32 KB	PDF Document	2015-09-01 17:52

Fonte: O autor.

ANEXO B CARTA AOS INGRESSANTES DE BIBLIOTECONOMIA

O texto abaixo foi copiado do original, disponível no site Minhateca (<http://minhateca.com.br/UNIRIO>). As informações aqui disponibilizadas refletem as experiências do autor em seu terceiro período de graduação e não refletem a opinião da universidade em si ou seus responsáveis legais. O repositório no Minhateca também não tem vínculo nenhum com a UNIRIO ou seus representantes legais, sendo apenas um meio de garantir que os materiais dos professores fossem disponibilizados para a turma em tempo hábil.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO Rio de Janeiro, 24 de Fevereiro de 2015

Aos ingressantes...

Antes de mais nada, quero te parabenizar por ter feito o ENEM, por ter conseguido nota suficiente pra ingressar na universidade, por escolher a UNIRIO e, principalmente, pela escolha do curso. Decidi escrever esta "carta" como forma de contribuir contigo para que não fique tão sem rumo neste início que é sempre conturbado e por vezes nos induz ao erro devido ao bombardeio de informações que, eventualmente, são imprecisas ou mesmo falaciosas.

A primeira coisa a se fazer é **regularizar** sua **documentação** o mais rápido possível caso haja alguma pendência como um documento ausente ou a necessidade de via adicional (no momento da matrícula a pessoa responsável te avisou sobre isso).

Na **primeira semana** (23 a 27 de fevereiro) não teremos aulas de fato, apenas a "apresentação" do curso, do espaço, do corpo docente, das ramificações e setores organizacionais e administrativos (é chato, mas vale a pena e muito! **Se faltou... perdeu**). Assim que chegar à universidade, procure sua **grade** e anote seus **horários**. Geralmente essas informações estão afixadas num mural ao lado do setor administrativo do seu curso — no caso dos alunos de Biblioteconomia, prédio do CCH, 4º andar, lado esquerdo às escadas. Estando de posse dos seus horários, organize-se. Aproveite para **ler** sua **agenda** e tirar TODAS (ou quase) as suas dúvidas. Dedique algum tempo em explorar também o site da instituição.

Da **segunda semana** (02 a 06 de fevereiro, provavelmente teremos os trotes e a recepção dos novos alunos) em diante começa a **ralação**, por isso é bom começar certo pra garantir um período tranquilo. Minha sugestão é que **criem** um **email** da turma e meios de comunicação como **grupo** no **Facebook, Twitter, G+**, e o que mais julgarem ser conveniente à turma (apenas não esqueça que a rede mais utilizada entre todos é o Facebook; Não seria ruim escolher o meio de comunicação através de uma votação).

Whatsapp é complicado porque as pessoas acabam perdendo o foco, o que pode ser resolvido com a criação de dois grupos, sendo o primeiro apenas para notificações e o segundo para assuntos transversais. ~~Para os alunos de Biblio~~, existe um repositório no site **Minhateca**. Nele estão contidos 93% do material necessário ao 1º Período. A fim de garantir a melhoria e maximizar a proficiência desta iniciativa, peço que a turma **defina** uma **pessoa** (ou mais, se possível **E**

necessário) por disciplina para **responsabilizar-se** pela **digitalização** de **conteúdos** que eventualmente já não estejam inseridos no repositório.

Exemplo: no primeiro período a grade atual conta com **sete matérias**, logo, seriam necessárias no mínimo **sete pessoas**, cada uma ficaria responsável pela digitalização do **conteúdo disciplinar** ao qual decidiu contribuir. O Minhateca é um **site de compartilhamento** de conteúdo. Se mais pessoas tiverem interesse, seria legal expandir o conteúdo além do que temos atualmente (talvez até para outros cursos).

Também seria interessante designar pelo menos **duas pessoas** para ficarem responsáveis pelo **calendário** da turma, o qual deve ser mantido **atualizado** e conter **prazos** de entrega para trabalhos, possíveis **ausências** dos docentes, **eventos** e, o mais importante: **datas** das **avaliações**. Por fim e não menos importante, também é necessário que se **eleja** um **responsável** e um **vice** para a **turma** a fim de **agilizar comunicação** entre discentes e docentes.

Sobre as **notas**, alcançando **mínimo** de **sete** na primeira e segunda avaliação, você não precisará fazer a **prova final** (terceira avaliação). Caso não alcance média sete nas duas primeiras avaliações, terá de fazer prova final, nela, sua maior nota entre a Av1 e Av2 é somada à Av3 e então divide-se por dois (a nota menor entre Av1 e Av2 é desconsiderada). Saiba que o **mínimo para aprovação é CINCO**. **Faltas REPROVAM** caso não alcance o mínimo de **75% de presença e atestado médico NÃO abona falta**, apenas justifica. A única forma de ter suas faltas abonadas é em caso de **doenças infectocontagiosas**. O **CR (Coeficiente de Rendimento)** deve ser mantido preferencialmente **acima de SETE**, mas pela lógica, o **mínimo** dele é **cinco**. Caso as coisas estejam difíceis e você tenha certeza que vai reprovar, tente **reprovar SEMPRE** por **FALTA**, mas **NUNCA** por **CONCEITO**. A razão é simples: reprovação por falta não altera o CR, mas reprovação por conceito altera e muito. Defenda seu CR com lápis e caneta!

As **festas** e **eventos** que rolam ao longo do período são desenrolados na maioria das vezes pelo **DAEB** e a **divulgação** ocorre através dos **quadros de avisos, boca em boca** ou **anúncio em sala**. Caso precise de **ajuda** procure alguém do **DAEB** ou algum **veterano "descolado"** e certamente alguém te dará uma direção.

A **alimentação** por enquanto é apenas mais um dentre tantos **problemas**. **Traga de casa** ou **lanche** no trailer em frente à **Jamaica** (peça informações e alguém te dirá onde fica o trailer). Uma moça vende quentinhas perto dali e há um self service no complexo onde fica o **DACE**. Nesse Self Service os alunos pagam R\$ 5,00, mas precisam comprovar a condição de estudante, seja com declaração ou com carteira estudantil. Também é possível conseguir **suporte psicológico** e **nutricional** gratuitamente através de agendamento com o DACE. O **atendimento** é prestado por **profissionais** e **alunos** de períodos **avançados** dos cursos respectivos. Como não tenho informações exatas sobre isso, você pode entrar em **contato diretamente** com o **DACE** e se **informar** melhor.

Cópias e impressões são mais em conta no prédio de Artes (Música e Teatro). No caso de **impressões**, tenha certeza de carregar no **pendrive** APENAS o arquivo a ser impresso, do contrário correrá o risco de perder seus documentos. **Os PCs estão SEMPRE infestados de viroses e outras pragas virtuais**, logo, também tenha certeza que está usando um **antivírus bom** e **atualizado** em seu **PC** ou terá ainda MAIS problemas... a menos que use **Linux**... enfim, você entendeu.

Ah, Sim! Quase esqueço... a **biblioteca** da **UNIRIO** está disponível e é fácil ter acesso ao acervo. Fica no **estacionamento**. Faça uma visita, dê uma olhada e crie cadastro. Vale a pena conferir o material dela. A consulta do acervo, reservas de obras e renovações de empréstimos podem ser feitos através do site. Tudo muito rápido e fácil. ;)

Existem diversas **bolsas** e **auxílios**. Dentre os principais, temos a **bolsa de alimentação** que é direito de TODOS, a **Bolsa de Incentivo Acadêmico (BIA)** e o **auxílio moradia**. A disponibilidade das bolsas segue **critério socioeconômico** para atender aos alunos. Isto quer dizer que será considerada a sua renda e fatores afins. Caso queira um estágio, procure os órgãos de integração ou o DACE para maiores detalhes sobre como proceder.

Caso tenha interesse em **estágios externos**, você pode começar a estagiar desde o primeiro período, mas só encontrará bons estágios na área por volta do quarto período. A **Coordenação de Estágios**, situada no prédio do CCH, sala 216, **NÃO assina estágios supervisionados** se a proposta **não cumprir** uma série de **critérios**, dentre eles, **ter um profissional qualificado em Biblioteconomia** para te instruir. Isto quer dizer que você pode fazer **estágios**, mas se **não cumprirem** os **critérios** desejados, **não terão valor acadêmico**. Estas **orientações** foram passadas em 05 de Agosto de 2014, terça feira, pela própria **Coordenadora de Estágios, Prof^a Dr^a Beatriz Decourt**. Ela ainda **recomenda** que os interessados em estágios leiam sobre a **Lei nº 11.788 de 25 de Dezembro de 2008**.

Por último, sobre o **transporte**, existem **três ônibus** disponibilizados aos **alunos**, cada um com seu próprio **itinerário**. Como não uso, peço que informe-se sobre os horários e percursos com outrem.

Aos que tiverem interesse (ou não), o **Decreto 38.280 de 29 de Janeiro de 2014** garante aos **estudantes universitários** o **passê livre**, válido de Domingo a Domingo, mesmo nos feriados. Com ele você não precisará se **preocupar** com o **pagamento de passagens**. Detalhe importantíssimo: só é **válido** para passagens de **ônibus**, não garantindo acesso a outros meios como trens, metrô, barcas ou ônibus "luxo" (executivo).

Bem... acho que é isso. Caso tenha alguma dúvida, complemento, sugestão ou mesmo crítica, pode entrar em contato comigo. Te desejo um ótimo período e que tudo corra bem, sem grandes sustos. =)

Atenciosamente,

Magno, Fabricio

fabriciomagnos@gmail.com

3º período na Escola de Biblioteconomia (EB)

Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Av. Pasteur, 458/404 - Urca - Rio de Janeiro - RJ - Brasil - 22290-240

REFERÊNCIAS

UNIRIO

Instituição - <http://www.unirio.br/>

Lista de cursos (Bacharelado) - <http://www.unirio.br/cursos-1/graduacao>

Sobre a Escola de Biblio - <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/eb>

Documentos de Biblio - <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/eb/bacharelado-matutino>

Portal do Aluno - <https://portaldoaluno.unirio.br:8443/aluno/login.action>

Biblioteca UNIRIO - http://web02.unirio.br/sophia_web/

Calouros Biblioteconomia (Secreto)

<https://www.facebook.com/groups/569087549852756/>

Obs: Peça pra algum veterano te adicionar.

Minhateca

<http://minhateca.com.br/unirio/>

Serviços Google

E-Mail - <https://accounts.google.com/SignUp>

Calendário - <https://www.google.com/calendar/>

DAEB

<https://www.facebook.com/daeb.unirio>

DACE

<http://daceunirio.blogspot.com.br/>

Coordenação de Estágios

Beatriz Decourt — [suprimido para preservar a privacidade da professora]

Em ÚLTIMO caso, ligue para [idem]

Lei nº 11.788 de 25 de Dezembro de 2008

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm

Decreto 38.280 de 29 de Janeiro de 2014

http://www.rio.rj.gov.br/documents/10136/4572728/DECRETO_38280_DE_29_DE_JANEIRO_DE_2014.pdf

RioCard Passe Livre Universitário

<http://www.riocard.com/passelivre/>

Todos os sites foram acessados em 24 de fevereiro de 2015.